

### **O fiel intérprete do povo: Jânio Quadros por Viriato de Castro**

Jefferson José Queler\* - PPG-UNICAMP

*“Lloyd Warner, na primeira parte de seu livro, *The Living and the Dead*, conta-nos a criação de um personagem (...) Biggy Muldoon, um político da Yankee City, que se transformou numa figura nacional em virtude de sua oposição pitoresca à aristocracia de Hill Street, teve uma imagem pública demagógica construída pela imprensa e pelo rádio. Ele era apresentado como um cruzado do povo, atacando a riqueza usurpadora. Mais tarde, quando o público se cansou dessa imagem, Biggy foi condescendentemente transformado pelos mass media num vilão, um político corrupto que explorava em seu próprio benefício a miséria pública. Warner assinala que o verdadeiro Biggy diferia consideravelmente de qualquer das duas imagens, mas que era forçado a modificar o seu estilo de ação a fim de amoldar-se a uma das imagens e combater a outra.”<sup>i</sup>*

Nesse texto, pretendo levantar alguns problemas sobre a construção da imagem pública de Jânio Quadros através do livro *O Fenômeno Jânio Quadros*, de Viriato de Castro. Minha intenção é formular perguntas, a partir dessa obra, para serem trabalhadas como hipóteses na análise da correspondência popular enviada a Jânio no final dos anos 50 e início dos 60; fonte importante de minha pesquisa de doutorado. A escolha do livro em questão justifica-se por apresentar, a meu ver, aspectos desconsiderados pela historiografia acerca da fabricação da imagem de Jânio para a campanha presidencial de 1959<sup>ii</sup>.

Ao refletir sobre a elevação de Jânio Quadros à presidência da República, em 1961, comecei a me perguntar sobre os motivos do sucesso do mesmo. A leitura do livro de Marina Mendonça sobre a trajetória política de Carlos Lacerda ajudou-me a pensar sobre o assunto<sup>iii</sup>. Nele a autora indica como Lacerda procurou, ao longo de sua carreira, sedimentar a auto-imagem de “salvador da pátria”, isto é, do político extraordinário que se sacrifica para livrar a nação de seus supostos males. Para ela, isso possuía um sentido bem claro à época: colocar-se no imaginário popular no lugar do mito Vargas, então visto como “pai dos pobres”. Tal esforço teria sido baldado com o suicídio de Vargas, pois muitos setores da população viram Lacerda como o culpado pelo episódio. Trata-se claramente de uma hipótese; o imaginário popular é deduzido através dos discursos do personagem em questão.

Entretanto, a suposição da autora não deve ser abandonada. É possível afirmar que o imaginário popular demandava, na década de 50, um homem providencial? E se tanto, é possível dizer que Jânio Quadros tenha se beneficiado de tal aspecto da política nacional?

Uma forma de fornecer subsídios para tentar resolver essa problemática pode ser oferecida através da correspondência enviada a Getúlio Vargas pela população; pois assim talvez seja possível entrar em contato com as idéias e valores desta última. Há estudos que utilizam esse material, especialmente o referente à década de 1930. Com as cartas, Jorge Ferreira contesta a assertiva de que o mito Vargas foi criado apenas pela propaganda política do Estado naquele período<sup>iv</sup>. Ele chama a atenção para o atendimento de demandas materiais e simbólicas dos trabalhadores, como por exemplo a legislação trabalhista. A argumentação presente nas cartas, ao lidar com a ideologia oficial,

---

\* Doutorando em História pela Universidade Estadual de Campinas.

é tratada por ele como cálculo racional para a obtenção de benesses pessoais (empregos, favores...). Assim, ao anúncio de Vargas sobre o “fim dos intermediários entre o governo e o povo” – destinado a justificar o fechamento do Congresso e a extinção dos partidos – , respondiam os trabalhadores e populares com cartas ao presidente; acreditariam finalmente na abertura do Estado a suas reivindicações e demandas, cientes das práticas elitistas e excludentes da Primeira República. Dessa forma, seria a possibilidade do ato de escrever cartas e pedidos ao presidente, e não o conteúdo e as idéias expressas nos mesmos, o fator responsável pela construção da imagem de Vargas como promotor da justiça social.

Maria H. Capelato comenta as conclusões de J. Ferreira sob uma ótica um pouco mais complexa. A autora não exclui a hipótese de que a correspondência presidencial revele a instrumentalização da ideologia oficial com o intuito de se obter vantagens materiais. Porém, ela sugere que as súplicas e o tom de humildade, bem como a expressão de desespero e revolta, presentes nas cartas podem evidenciar *“uma cultura autoritária de longa duração sedimentada numa sociedade cuja história é marcada por formas diversificadas de exclusão política e social.”*<sup>xv</sup> Em outras palavras, M. H. Capelato admite a seriedade dos argumentos expressos nas cartas.

A meu ver, a perspectiva da dita autora é, de certo modo, levada adiante na tese de doutorado de José Roberto Franco Reis<sup>vi</sup>. Este analisa em seu trabalho uma amostra da correspondência popular enviada a Vargas, durante o Estado Novo, maior do que a utilizada por J. Ferreira. Assim como Capelato, J. Reis não considera as cartas dirigidas ao governo como meros instrumentos para a obtenção de vantagens materiais; admite que o conteúdo delas pode exprimir valores e crenças dos remetentes; e sugere que os temas do favor, da proteção, do poder como algo tutelar e personalizado, do clientelismo e do paternalismo podem fazer parte também de hábitos políticos profundamente enraizados, compreendidos sob o conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu.

A partir das cartas, J. Reis afirma ser possível identificar a produção do mito Vargas como uma “obra coletiva”, ou ao menos de “mão dupla”<sup>vii</sup>. A deferência presente nas mesmas não é vista como evidência de que os missivistas não possuíam consciência de seus direitos; mas como sinal de que os mesmos pensavam a ajuda de um “padrinho” como uma contribuição para a efetivação de suas demandas junto ao Estado. Dessa forma, o autor acaba concluindo que existia uma espécie de cidadania no Brasil durante o Estado Novo, ainda que os canais de participação política consagrados pelo modelo liberal (partidos, eleições) estivessem fechados<sup>viii</sup>.

Os estudos acima indicam a possibilidade do reconhecimento de uma tendência de longa duração na História brasileira no sentido de conceber as lideranças políticas em termos autoritários, hierárquicos e personalizados. Também reconhecem que essa característica não impede que trabalhadores e populares sejam sujeitos no processo de construção de seus líderes. Dessa forma, quando M. Mendonça conjectura que Carlos Lacerda apelava ao imaginário popular ao afirmar-se “salvador da pátria”, parece tocar na possibilidade de um fenômeno de longa duração estender-se na

política brasileira até a década de 50. Seguindo essa linha, não seria de se esperar então que a imagem de Jânio Quadros fosse construída nos moldes do homem providencial?

Uma tentativa de tornar essa questão mais complexa pode ser oferecida com o livro *O Fenômeno Jânio Quadros*, de Viriato de Castro<sup>ix</sup>. Durante a década de 50, este último exerceu atividades jornalísticas e tentou ingressar na carreira política sem muito sucesso, exercendo alguns cargos na administração paulista sob o comando de Carvalho Pinto. O livro em questão foi publicado originalmente em 1956, apresentando uma narrativa da trajetória de Jânio Quadros. A obra teve três edições e recebeu atualizações em todas elas, fornecendo uma tiragem de 10.000 exemplares para a última, a crermos em informações oferecidas pelo próprio autor. O que me interessa particularmente é a última edição, de 1959, declaradamente produzida com o fito de apresentar Jânio ao público para as eleições presidenciais de 1960.

Ali Viriato propõe-se a narrar *“de forma dramática, a biografia política de Jânio Quadros, traçando a sua vertiginosa e extraordinária carreira.”* O texto inicia-se com uma leitura da História brasileira até o surgimento do político em questão. Tratar-se-ia de uma série de golpes e quarteladas; da sucessão de governos com dificuldades em gerir a máquina pública, produzindo constantemente *déficits* nas contas do Estado; de um festival de corrupção na política brasileira, simbolizado pela atuação de Adhemar de Barros. Tal quadro favoreceria a descrença da população com os políticos tradicionais, predispondo-a a clamar por uma renovação da política nacional. Nesses termos, Viriato abre espaço para apresentar a figura de Jânio sob o embasamento de um projeto político-administrativo: a gestão impessoal e monetarista da máquina pública.

O autor estabelece um corte na história do país com a chegada de Jânio na política, apresentado como singular e idealista: *“Eis que, de súbito, aparece no cenário político uma figura estranha, diferente, quixotesca.”*<sup>x</sup> A ação individual de Jânio é enfatizada por Viriato, que coloca as eleições presidenciais de 1960 como o espaço para o embate entre o mesmo e a “máquina partidária”: *“Ninguém poderá detê-lo, pois jamais foi possível opor um dique a um ciclone ou tentar desviar um furacão.(...) Apenas a máquina partidária, com enormes e terríveis forças organizadas contra ele, poderá derrotá-lo.”*<sup>xi</sup> A ambigüidade inicial sobre a possibilidade da vitória de Jânio, ameaçada por uma conspiração, não resiste ao argumento central da obra: apresentar a ascensão política fulminante e irresistível dele rumo à presidência. Leio as freqüentes menções às ameaças da suposta conspiração como recursos retóricos para denunciar ou precaver-se dos ataques da oposição ao janiismo.

Aliás, afora os infortúnios por vezes causados por seus opositores, Jânio é apresentado numa trajetória linear pautada pela defesa dos “humildes”. Tal opção teria se configurado a partir da leitura da vida do presidente norte-americano Abraham Lincoln: *“A par disso, as injustiças do mundo e a opressão dos humildes, sempre causaram profunda revolta em Jânio que, assim, estava pronto para a grande marcha, para a grande ascensão política que haveria de encetar...”*<sup>xii</sup>

Para Viriato, conforme se nota em várias passagens do texto, Jânio é o homem certo para executar essa tarefa porque é uma pessoa sem atributos extraordinários; é como tantas outras pessoas anônimas: *“Um fenômeno que talvez não se repita novamente nesses cem anos, êsse de um homem isolado, pobre, anônimo, modesto professor, honesto advogado, sem fortuna, sem máquina política, sem amigos influentes, sem ter exercido, até 1947, qualquer cargo de prestígio, iniciar tão vertiginosa e revolucionária carreira.”*<sup>xiii</sup>

Sobre o ingresso de Jânio na política, Viriato faz o seguinte comentário: *“Estávamos numa época em que se fazia uma política de cínicos. Os políticos, bem vestidos, bem falantes, bem postos e arrumados na vida, copiavam Getúlio e Adhemar, entre goles de uísque, boas piadas, riso sempre a escancarar a boca. Deitavam a falação ao povo com tal insinceridade de propósitos, de idéias, de doutrina, de compostura, que não percebiam o ‘sinal terrível dos tempos’! Aquêlê homem vinha barbudo, mal vestido, tratando todos os assuntos com igual seriedade, com compostura, com tons violentos, patéticos, emocionantes, dramáticos. Identificava-se assim com todos os trabalhadores, na sua miséria e no seu sofrimento. Andava pelas vilas, pelos bairros operários. Enquanto isso os falsos trabalhistas discutiam os altos problemas do operário, das classes proletárias, entre goles de uísque, nas boates, altas horas da noite...”*<sup>xiv</sup>. Nessa passagem, aparecem lado a lado a personalidade e a aparência de Jânio. Haveria no texto alguma relação entre o desleixo e os vitupérios do mesmo contra a ordem estabelecida, a favor dos “trabalhadores” com quem se identificaria? A hipótese parece se confirmar com o contraste anunciado no início do trecho, em que políticos apresentados como aprumados na aparência e na fala lograriam o povo.

Em outro trecho, Viriato descreve novamente Jânio: *“Jânio Quadros é um homem alto, magro, cabelos finos e compridos, bigodes caídos pela boca, como os do filósofo Nietzsche. Seus olhos, muito grandes, têm um estranho brilho. Apresenta certo defeito numa das vistas, causado por um incidente ocorrido quando ainda era estudante (num carnaval, alguém espatifara um lança-perfume, cujo estilhaço o alcançou no olho). Sua voz é firme, convincente, pausada. Seus gestos expressivos. Alimenta-se mal. É extremamente nervoso. Não tolera fazer compras, ver vitrinas, ser servido à mesa, a não ser por sua esposa. É simples até a extravagância. Faz a barba em casa, quando não esquece ou não é mais possível deixar de fazê-la. Os cabelos são cortados, igualmente, quando já estão subindo pelas orelhas. Veste-se sem qualquer aprumo, de preferência ternos azuis. Não usa barbatana nos colarinhos e, assim, estes estão sempre enrolados. Quando chega cansado, deita como está e torna a sair, quase sempre, amarrotado e às pressas. Dorme sempre tarde, nunca antes da uma hora da madrugada. Jamais desata o nó de uma gravata, usando-a até meses seguidos. Quando quer roupas, e isso é raro, compra-as feitas e faz sortimento para todo o ano. Jânio gosta do campo, da caça, sendo bom atirador. Detesta o mar.”*<sup>xv</sup> Como se nota, a associação entre personalidade e aparência, sugerida na passagem anterior, aparece implicitamente aqui. Viriato envereda para a psicologização de Jânio.

O autor oferece uma explicação para o desleixo de Jânio: *“A tremenda sobrecarga de responsabilidade e o atendimento daqueles que o procuravam, tornou-lhe quase impossível ter algum tempo até para o cuidado de coisas simples, como barbear-se, trocar de roupa, fazer uma refeição normal, etc. Essa a razão pela qual Jânio aparecia nas ruas, nos bairros, nas reuniões com operários, com estudantes, com grevistas, com políticos e até mesmo no plenário da Câmara Municipal de S. Paulo numa figura quase espectral: cabelos compridos, despenteados, barba até de 15 dias por fazer, roupa amarrotada, suja, gravata com um laço feito há meses, enfim, um homem desleixado, com noites mal dormidas, lutando até o limite extremo das suas forças pela causa comum.”*

*Assim Jânio andava pelos bairros mais afastados, esquecidos dos poderes públicos, em contato diário com as classes mais humildes, daqueles tripudiados, pisados, com sede de justiça, que tinham revoltas, tinham mágoas, das quais Jânio se tornou o mais fiel intérprete.”*<sup>xvi</sup> Novamente, Viriato reproduz a idéia expressa nas duas passagens anteriores, acrescentando a idéia de sacrifício para explicar Jânio. Tais características habilitariam este último a ser “o mais fiel intérprete” das “classes mais humildes”

O autor também comenta o sentido da campanha de Jânio para a prefeitura de São Paulo: *“Era o despertar de forças surdas e inconscientes. Uma onda social em crise que se cristalizava, vivia, respirava, expandia. Naquele movimento cívico singular, espontâneo, formava-se uma nova mentalidade social e política contra um estado de coisas já superado, mas teimosamente mantido por velhos e surrados políticos profissionais.*

*Jânio representava o protesto do povo.(...)*

*É preciso que se compreenda que Jânio era um homem pobre, humilde, simples, saído do nada, vestindo-se desleixadamente, cabelos revoltos, **trazendo no rosto todos os sofrimentos e desenganos de todos os Jânios**, nas mesmas condições, que existiam nos bairros populosos da Capital paulista, de todos os cidadãos espoliados, traídos, enganados centenas de vezes por políticos bem parecidos, bem vestidos, bem postos, cuja linguagem além de transparecer falta de sinceridade, era muitas vezes mesmo cínica, engraçada, anedótica ou apenas simplesmente acadêmica. O povo estava cansado daqueles discursos vazios. Jânio é um homem que convence, é um orador que põe em cada palavra todo o peso da sua responsabilidade intrínseca. (...). **Aí está o segredo, a razão pela qual quase hipnotiza, diríamos assim, as massas que o ouvem, nos comícios.”***<sup>xvii</sup> Aqui fica patente a intenção do autor em despersonalizar Jânio, apresentando-o como manifestação espontâneo do “povo” protestando contra os políticos que o enganam. Ele é apontado como um político autêntico.

Portanto, retomando as questões levantadas anteriormente, é possível sugerir que o texto leva a pensar numa tendência de longa duração da política brasileira; pois estabelece uma relação direta entre governo e povo, bem expressa na idéia de Jânio como “fiel intérprete” deste último. Entretanto, o autor não constrói a imagem de Jânio como homem providencial, na medida em que em nenhum momento transparece a idéia de uma relação hierárquica de poder. Viriato procura despersonalizar Jânio na maioria do tempo, mostrando-o como uma pessoa anônima. Em alguns lampejos, quando

aparecem indícios de personalização, o autor apresenta Jânio como um homem honesto, honrado, inteligente, trabalhador, sensível, humano; nada de extraordinário é visto nele, e é por isso que ele poderia ser um representante autêntico do povo. Personalizá-lo de forma positiva, ainda que sutilmente, apenas o habilita a exercer cargos de liderança política.

Nessa chave de leitura, não há a idéia do herói, ou seja, do líder que conhece e domina a “ciência” das forças históricas. Talvez fosse melhor conceber a imagem de Jânio construída por Viriato sob o prisma do bufão. Segundo Georges Balandier, esse personagem *“mostra que as distinções e classificações impostas pela sociedade e pela cultura podem ser desfeitas (brouillés); ele parece desconstruir afim de reconstruir de outra forma; ele cria na desordem; ele apresenta uma imagem maluca e heróica da aventura individual conduzida fora das convenções sociais. (...) Seus excessos rompem as censuras mais constrangedoras, às vezes até o extremo da obscenidade e da violência selvagem”*<sup>xviii</sup> Assim, o livro de Viriato não fornece a imagem de Jânio como líder dotado de atributos excepcionais, mas a de um homem comum capaz de expressar as injustiças sofridas pelo povo através de uma conduta fora da tradição política; com o objetivo de transformá-la.

Evidentemente, não quero tecer afirmações conclusivas sobre a construção da imagem pública de Jânio Quadros a partir de uma única fonte. Mesmo porque uma de minhas hipóteses de pesquisa é que tal processo foi pluridimensional, ou seja, acredito ser possível que várias correntes se digladiaram com propostas distintas para fabricar a imagem de Jânio; o que o estágio prematuro da pesquisa permite apenas supor. Entretanto, o aspecto visto acima da apresentação de Jânio junto ao público pareceu-me distinto daquilo que vinha pesquisando até então. Resta fazer um percurso semelhante ao dos autores que leram a correspondência enviada a Vargas, pois as cartas remetidas a Jânio podem ser consultadas. Assim, talvez possa averiguar a hipótese de que, ao longo da década de 50, seria possível conceber uma corrente na política brasileira capaz de conceber as lideranças em termos não hierarquizados e despersonalizados.

---

<sup>i</sup> Andrew GREELEY. “Myths, Symbols and Rituals in the Modern World”, *The Critic*, vol. XX, nº 3 (dezembro de 1961, Janeiro de 1962), p. 19. *apud*: Mircea ELIADE. *Mito e Realidade*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2002, p. 160.

<sup>ii</sup> Autores como Vera Chaia e Ricardo Arnt utilizaram o livro de Viriato apenas para recolher fatos pitorescos sobre a vida de Jânio. O que proponho é uma mudança no estatuto da obra analisada, considerando-a como envolvida na luta política dos anos 50. Ver: Vera CHAIA. *A Liderança Política de Jânio Quadros (1947-1990)*. Ibitinga: Humanidades, 1991; Ricardo ARNT. *Jânio Quadros: o prometeu de Vila Maria*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

<sup>iii</sup> Marina MENDONÇA. *O Demolidor de Presidentes*. São Paulo: Codex, 2002, *passim*.

<sup>iv</sup> Jorge FERREIRA. *Trabalhadores do Brasil: o imaginário popular*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1997, p. 16-54.

<sup>v</sup> Maria Helena CAPELATO. *Multidões em Cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papirus, 1998, p. 184.

<sup>vi</sup> José Roberto Franco REIS. “Não existem mais intermediários entre o governo e o povo”: correspondências a Getúlio Vargas – o mito e a versão (1937-1945). Campinas: IFCH/UNICAMP, 2002 (tese de doutorado).

vii *Ibid.*, p. 73-92.

viii O autor chega a conclusões semelhantes às opiniões de José Murilo de Carvalho sobre a existência de práticas específicas de cidadania durante a chamada República Velha. Para J. Carvalho, mesmo que a participação política naquele período fosse muito reduzida - se considerada a partir de canais oficiais (eleições) - , havia espaço para a definição do que era politicamente aceitável. Exemplo disso é encontrado na Revolta da Vacina, quando amplos setores da população carioca chocaram-se com a política do Estado em relação à saúde. Ver: José Murilo de Carvalho. *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

ix Viriato de CASTRO. *O Fenômeno Jânio Quadros*. São Paulo: Editado por José Viriato de Castro, 1959. Nos excertos escolhidos, mantenho a grafia e a pontuação do texto original.

x *Ibid.*, p. 30.

xi *Ibid.*, p. 8.

xii *Ibid.*, p. 47.

xiii *Ibid.*, p.09.

xiv *Ibid.*, p. 32.

xv *Ibid.*, p. 46.

xvi *Ibid.*, p. 50-51.

xvii *Ibid.*, p. 70-71. (grifos meus)

xviii Georges Balandier. *Le Pouvoir sur Scènes*. Paris: Éditions Balland, 1992, p. 53. Tradução minha.